

ALGUNS EPISÓDIOS DA VIDA LITERÁRIA EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX

(Cartas dos escritores portugueses nos arquivos soviéticos)

Por Elena M. Wolf

Os documentos inéditos guardados nos arquivos da URSS contém umas páginas curiosas e inesperadas que falam das relações culturais entre Rússia e Portugal em várias épocas. Entre os documentos do século XIX guardados na Secção do Manuscrito e Livro Raro da Biblioteca Estatal Saltikov-Schedrin em Leninegrado atrai a nossa atenção a correspondência dos escritores portugueses com Platão Lvovitch Vacsél (Fundo N 123).

P. L. Vacsél (1844-1919), descendente dum marinheiro holandês convidado no princípio do século XVIII ao serviço russo, foi publicista, crítico musical e coleccionista russo. Quando jovem, entre 1862 e 1870, vivia em Portugal, na ilha de Madeira e em Lisboa. Sendo uma pessoa de vastos interesses culturais P. Vacsél fez todo o possível para conhecer a cultura portuguesa e para dar a conhecer aos portugueses a cultura russa. Naquela época e mais tarde, depois de voltar à sua pátria, durante muitos anos tinha correspondência com escritores, críticos literários, políticos portugueses. No seu arquivo conservam-se dezenas de cartas de correspondentes portugueses, e a sua colecção de documentos e autógrafos contém uma série de coisas raríssimas desde as cartas dos reis portugueses do século XVI e até os autógrafos do Marquês de Pombal, Camilo Castelo Branco e outros.

Neste arquivo encontram-se, entre outras coisas, cartas escritas por motivo da publicação do livro de P. L. Vacsél intitulado «Quadros da Litteratura, Ciências e Artes na Rússia». Publicação da Gazeta de Madeira. Funchal, 1868. O livro foi um acontecimento importante na divulgação da cultura russa no mundo ocidental. A obra de P. L. Vacsél

dá um panorama vasto da história da literatura russa e da vida literária e cultural da época, fala de vários aspectos da cultura russa no século XIX.

Para dar uma ideia da obra de P. L. Vacsél citemos o índice do livro: I. Introdução; II Poesia; III. Teatro; IV. Bellas-lettas; V. O jornalismo e os partidos na Rússia; VI. Ciências moraes e políticas; VII. História e archeologia; VIII. Philologia; IX. Geografia; X. História natural; XI. Chymica e Physica; XII. Mathematica pura e applicada; XIII. Architectura e Esculptura; XIV. Pintura; XV. Música; XVI. Conclusão. O livro é acompanhado de várias notas, e entre elas: Intrução pública na Rússia, Litteratura de diversos povos do império russo; Considerações sobre a história ecclesiástica da Rússia; Caminhos de ferro na Rússia, Museu da Ermitagem em S. Petersburgo. Neste livro o leitor português que sabia quase nada da literatura russa, podia ver pela primeira vez os nomes de grandes poetas e prosadores como Lomonóssov e Derjávín, Púshkin e Lérmontov, de Karamzín, Gógol, Turguénev, Tolstoi, Dostoievski. O autor dedica uma parte considerável do livro ao grande poeta russo Alexandre Pushkin, estabelecendo, notemos, um paralelo entre ele e A. Garrett.

P. L. Vacsél enviou o seu livro a vários personagens importantes na vida literária e cultural portuguesa e recebeu respostas que serviram de início, muitas vezes, para uma correspondência que durou anos e anos. Estas respostas, guardadas no arquivo de P. L. Vacsél, com agradecimentos e opiniões sobre a obra publicada, mostram que o livro despertou vivo interesse entre o público português que naquela época tinha um conhecimento muito vago da Rússia, da sua história e vida contemporânea. As cartas a P. Vacsél dão-nos informação curiosa sobre o que os portugueses daquela época sabiam da Rússia, que ideias gerais tinham daquele país. Entre as cartas vemos duas de Teófilo Braga (publicadas em Colóquio-Letras, n. 58, 1980), de Joaquim d'Araújo, de Joaquim de Vasconcellos e outros.

Merecem, ao que parece, atenção duas cartas de António Feliciano de Castilho. Como se sabe, A. J. Feliciano de Castilho (1800-1875) foi uma figura notável na vida literária do seu tempo, representando a primeira época do romantismo português. Os seus poemas, publicados em 1836 «A Noite no Castelo» e «Os Ciúmes do Bardo» caracterizam-se com uma forte inspiração romântica e eram considerados como encarnação do romantismo português. O nome de A. Feliciano de Castilho está ligado a um dos acontecimentos mais importantes na vida literária da segunda metade do século XIX. Trata-se da «Questão Coimbrã», uma discussão ardente entre românticos e representantes do realismo nas-

cente, da «geração de 70». A discussão teve lugar nos anos 1865-1866. A. Feliciano de Castilho aparece nela como cabeça e símbolo dos defensores do romantismo, do espírito tradicional que já passava à história. Na «Questão Coimbrã» entram em conflito aberto o velho romantismo português e o novo espírito literário e social, com as suas tendências realistas e as ideias reformistas. Contra o velho poeta e os seus adeptos levantaram-se Antero de Quental, Teófilo Braga e outros. A «Questão Coimbrã» simboliza a época da queda do romantismo velho na literatura portuguesa e a chegada da época marcada pela forte influência do espírito contemporâneo e da mentalidade europeia.

As duas cartas de A. Feliciano de Castilho a P. Vacsel referem-se aos anos 1868-1869, quando na «Questão Coimbrã» os defensores dos velhos conceitos românticos sofreram uma derrota completa. Não obstante, o velho poeta fica com a sua mentalidade romântica de sempre, com a sua visão bastante fantástica do mundo, com as suas utopias. Estas ideias transformadas duma maneira curiosa em relação a Rússia reflectem-se claramente na primeira carta de A. Feliciano de Castilho a P. L. Vacsel que segue abaixo: O poeta cego dictava as suas cartas. As que estão no arquivo de P. L. Vacsel estão escritas à dictado. No fim de cada carta fica a assinatura-autógrafo de A. Feliciano de Castilho¹.

«Lisboa, 24 de março de 1868.

Ill^{mo} Sr Platão Lvovitch Vakcel:

Estou maravilhado com os Quadros da Litteratura, das Sciencias e Artes na Russia com que VS^a se dignou de me mimosar. Levei-os de um fôlego da primeira até a última pagina, sentindo então que ellas não fossem dez vezes mais numerosas.

Este livro foi um rico presente a Portugal; presente realçado em valor pela delicada clausula de nos vir logo offerecido no nosso idioma.

O mundo russo pela sua posição, e pela sua língua, era apenas conhecido dos estrangeiros por alguns echos vagos e desconexos; e neste cantinho de Europa podiamos dizer delle o que o romano dizia dos antigos britannos: toto divisos orbe.

Desta ignorancia resultava frieza, menos simpatia, talvez até injustiça no avaliarmos essa grande gente.

Fez V. S.^a uma obra altamente patriótica com este seu fist lux.

¹ A ortografia das cartas citadas neste artigo é a do original.

Vemos a Rússia como um país de benção, fértil de toda a espécie de méritos, e podendo em todos elles hobrear com os povos mais blazonadores de superioridades.

Como que chegamos até a depôr momentaneamente estes receios vagos que as invasões do norte no meio-dia nos deixaram nos espíritos e que a história contemporanea não deixou de avivar e fortalecer. Onde tanto ha de tudo, se não são canonisaveis, são pelo menos intelligiveis as maximas aspirações.

Deixemos porem a política á Providencia, que afinal é ella e não os calculos humanos que levanta e abate potencias, quem, parecendo justa e maternal numas partes, noutras eniqua e madrasta, lá vai levando por seus caminhos occultos o genero humano a realização dos seus designios.

Que sorte será a da Russia num porvir proximo ou remoto? Será a que seus filhos com intima convicção lhe profetisam, e em que V. S^a. mesmo me não parece descrente? Quem o sabe? e quem o pode saber? O que o livro de V.S^a. nos manifesta com evidencia, é serem os russos ao presente um povo memorabilissimo e resplandecente de glorias de toda a especie.

Eu por mim, se não fosse portuguez, se não adorasse o sol de uma primavera quasi constante, se fosse capaz de viver e amar debaixo da Ursa; enfim se o clima que matou o meu pobre Ovidio me não parecesse incompativel com a minha natureza, seduzido hoje pelas revelações de V.S^a., se tivesse de renascer, e renascer á minha escolha, optaria, se o amor á liberdade m'o permitisse, pertencer a essas terras onde as artes tanto florescem e fructificam, embora o meu humilde nome ficasse de repente ofuscado pelo fulgor de tantos génios que nesta hora se me estam representando á fantasia como um verdadeiro Olimpo terrestre.

Basta de sonhar. Não é russo quem quer. Cada terra tem as suas excelencias, e a terra portuguesa não foi das menos bem aquinhoadas. Os que nascemos aqui, se não pascemos presentes pingues, se não esperamos futuros invejaveis, ruminamos com saudosa delicia o nosso passado, o colosso que já, sobre tão pequena base assombrou o mundo.

V.S^a. que tão versado é na nossa língua, sabe necessariamente a fundo a nossa historia, e está por conseguinte no caso de apreciar em bem tudo que lhe aqui digo. Eu seria de boa mente russo de nação; não o podendo (perdoe-me V.S^a. o calembourg, que, sobre ser calembourg, é triste) são só os annos que me vão fazendo cada vez mais *russo*, sem me desfazerem de portuguez.

Reitero a V.S^a. os meus agradecimentos pelas bellas horas que a sua

erudita e inspirada penna me fez passar, e aproveito com o maior gosto esta oportunidade para me assignar

De V.S^a.

muito admirador, e muito affectivo e obrigado servo

A. F. de Castilho».

A segunda carta de A. Feliciano de Castilho a P.L. Vacscl foi escrita um ano mais tarde. Nesta carta o poeta dirige-se ao seu destinatário russo pedindo que lhe ajude a obter uma tradução russa do seu poema «Os Ciumes do Bardo» para uma edição multilinge. Este tipo de edições foi naquela época muito popular. Podemos ver no arquivo de Vacscl outros pedidos deste tipo. Assim, Chaves de Cunha, da Biblioteca Nacional de Lisboa (que participou também na «Questão Coimbrã» com o pseudónimo de Olímpio de Freitas, defendendo as ideias e obra de Teófilo Braga) pede a P. Vacscl que traduza para russo uma redondilha de Camões. (F. 123, N. 554). Um outro correspondente de P. L. Vacscl, poeta Joaquim de Araújo quer obter versões russa, polaca e finlandesa duma poesia de Antero de Quental «Zara», o famoso epitáfio à morte da irmã de J. de Araújo. (F. 123, N. 496). É curioso que este epitáfio foi traduzido mais tarde para russo pela famosa poetisa Ana Akhmatova e que foi a sua primeira tradução publicada.

Pois a irmã de P. L. Vacscl Sofia que também conhecia bem o português fez uma tradução ao pé da letra do poema de Castilho. O manuscrito chegou até nós e está agora no mesmo arquivo. Parece a única versão russa existente das obras de Castilho. Eis aqui esta carta de A. Feliciano de Castilho a P. L. Vacscl:

2. «Excellentissimo Senhor Platão de Vaxel

A aprovação de um homem como V. Ex.^a a uma tentativa litteraria pode-se receber como recompensa dos mais subidos quilates; [trata-se provavelmente de uma opinião de Vacscl acerca de alguma obra de Castilho que o poeta lhe enviara, E. W.] para mim é ainda mais e melhor que isso, é uma excitação para novas e maiores audacias. Nas que eu ainda tiver d'aqui avante se não forem mal succedidas saiba V. Ex.^a que mui copioso quinhão haverá tido esta sua generosa prodigalidade.

Permittir-me-hia V. Ex.^a que sem quebra do profundo respeito que eu a V. Ex.^a devo e lhe consagro, o convide para collaborador de uma pequena empresa litteraria?

No presuposto do seu assentimento eis aqui sem mais preambulo o de que se trata.

Lembrou-se alguém de dar num volume o meu poemeto dos Ciumes do Bardo com tradução em varias linguas. A italiana, bem ou mal, está feita; a hespanhola e a francesa prometidas, conta-se com a inglesa, a alemã e provavelmente com a dinamarquesa e a sueca. Dignar-se-hia V. Ex.^a de tomar a si a russa? Honra grande seria isso para os outros collaboradores e para mim centuplicadamente honra.

A versão, entendido está, que pôde ser ou em prosa ou em verso segundo agradar a V. Ex.^a.

Fico ansioso á espera da resposta de V. Ex.^a de quem tenho a honra de me assignar novamente

De V. Ex.^a profundo admirador e servo o mais respeitoso e obrigado

Lisboa 28 de Janeiro de 1869

A. F. de Castilho».

É de acrescentar que as próprias cartas de A. Feliciano de Castilho não são os únicos documentos no arquivo que mencionam o nome e a actividade literária do poeta cego. Aparece também na correspondência que trata de um outro tema da vida literária da época, da chamada «Questão do Fausto». É que no ano 1872 A. Feliciano de Castilho publicou a sua versão portuguesa do «Fausto» do Goethe. O tradutor entendia e praticava a tradução como uma «nacionalização» do texto sem respeito ao texto original e até sem o directo e bom conhecimento deste. A «nacionalização» dos clássicos europeus permitia a mudança dos nomes próprios, do lugar e do tempo. Parece curioso que ao mesmo tempo que A. Feliciano de Castilho traduzia clássicos latinos e gregos fazendo todo o possível para obter correspondência formal para cada verso e frase, com exactidão pedante. Pois a nova geração dos literatos portugueses conhecia já os princípios filológicos da tradução e a versão do «Fausto» feita por Castilho provocou uma polémica ardente. Participaram nela Camilo, Antero de Quental, Adolfo Coelho e outros. Entre eles estava também Graça Barreto (1843-1885), crítico literário, especializado nos estudos do «Fausto». Nas suas cartas a P. Vacsél (F. 12, N. 510), expressando opiniões muito pessimistas da situação intelectual de Portugal, toca, entre outras coisas, esta discussão. Diz numa delas: «Não espere tam cedo para Portugal nem systemas philosophicos, nem transformações na sua camada intellectual! Maravilha-o a questão

Faustiana em Portugal? Mas repare que foi a irritação contra o attentado commetido por Castilho quem a despertou; e que essa novidade litterária não passou, póde dizer-se, das mãos de tres individuos, de Adolpho Coelho, de Joaquim Vasconcellos e das minhas. Qualquer de nós procurou estudar as principaes phases de assumpto com sinceridade e boa fé;... fique V. Ex.^a certo que, se o nosso character o consentisse, poderíamos com facilidade e segurança inventar factos, falsificar terras e imaginar auctores, que tudo passaria desapercebido não só do publico commum mas ainda do proprio publico *litterario*, ainda mais grosseiro e depravado que o outro» (F. 12, N. 510, 23/IX de 1874). Na mesma carta Graça Barreto pede a P. L. Vacscl informações possíveis sobre o «Fausto» na Rússia (dramas, música, estampas etc.) e, enviando-lhe uma lista de traduções do «Fausto» ao russo, pergunta se a lista está completa.

Parece, porém, que a pessoa que mais sabia da Rússia de todos os correspondentes de P. Vacscl e que até conhecia a língua russa foi naturalista e historiador, secretário perpétuo da Academia das Ciências de Lisboa que cultivou a relação epistolar com os melhores europeus, autor de várias obras históricas e biográficas José Maria Latino Coelho. Na sua carta a P. L. Vacscl, enviada com o mesmo motivo que as citadas mais acima, para agradecer a chegada dos «Quadros» e expressar a sua opinião sobre a obra do literato russo, demonstra que J. M. Latino Coelho tinha bastante conhecimento da literatura e ciência russa e até fazia tentativas de traduzir a poesia de A. Pushkin, o maior poeta russo, clássico da literatura daquele país. Eis aqui a carta de J. M. Latino Coelho.

«Academia Real das Ciências de Lisboa. 5 de março de 1868

Ex-mo senhor,

Recebi com singular prazer o livro, em que V Ex-a honrou ao mesmo tempo a sua patria e a minha, a sua pelo assumpto, a minha pela lingua em que a obra foi escripta. Li com summa curiosidade um livro que revela a situação intellectual da Russia, geralmente pouco conhecida em Portugal quanto aos thesouros que em si encerra de saber e erudição em todos os gêneros da sciencia e litteratura.

Da litteratura russa tinha eu já os conhecimentos que podem ministrar-nos os livros que acerca della se tem escripto em francez e allemão e o pouco que sei da riquissima lingoagem, illustrada por Derjávin,

Puskin, Lomonósov e tantos outros brilhantes ornamentos das letras moscovitas. As sciencias conhecia muito mais, por que á quem como eu estude por gula e profissão as sciencias não podem ser estranhos os nomes beneméritos de Pallas, de Struve, de Fischer, de Tchikhatchov, de Kupfer, de Baer, de Eichwald, dos sabios illustres que tem deixado as suas memorias nas collecções preciosíssimas da Academia imperial das Sciencias, da Sociedade Imperial geographica, da dos Naturalistas de Moskow, as quaes possui todas a Real Academia das Sciencias de Lisboa, de que tenho a honra de ser Secretário. Para mim mais talvez, do que para ninguem, é de súbito preço o livro de V E, porque sou senão a unica, uma das rarissimas pessoas que cultivam a lingua russa, que estudo agora dedicadamente e que apesar da sua difficuldade lexicográfica não desespero de vir a saber regularmente. Li com atenção a versão da bella poesia *Bog* [Deus. E.W.] do grande poeta *Derjavin* e lamento que os versos portuguezes não correspondam inteiramente a grandeza e elevação das estrophes russas. Talvez eu ainda publique um dia uma ou outra tradução de poesias russas, que para exercício vou fazendo. Entre ellas tradusi a *Bezzabotnost ptitchki* [O pássaro despreocupado. E.W.] de *Pushkin* e o *Osien i Zima* [Otono e inverno, E.W.] do mesmo autor. [Os titulos das obras e os nomes dos poetas estão escritos com letra ciríllica. E.W.].

Agradecendo a VE o exemplar que me remetteu da sua apreciável obra, aproveito a ocasião para subscrever-me com a mais profunda consideração

José Maria Latino Coelho. (F. 123, N. 625).

É impossível tocar num artigo relativamente curto todos os temas discutidos na vasta correspondência de P. L. Vacsél. (Veja também um panorama do seu arquivo em *Vértice*, n.º 408-409, Maio-Junho, 1978). Parece, porém, evidente que os documentos deste arquivo são importantes para o estudo da vida literária em Portugal na segunda metade do século XIX e para conhecer melhor as relações culturais russo-portuguesas das épocas passadas.

Livros 24 de Março de 1868. —

M^{mas} Platas Lvovitch Vakcel:

Estou maravilhado com os Quadros da litteratura, das Sciencias e Artes na Russia, com que V.^{sa} se dignou de me mimosar. Levei-os de um folgo da primeira até a ultima pagina, sentindo entre que ellas não foram dez vezes mais numerosas.

Este livro foi um rico presente a Portugal; presente realçado em valor pela delicada Clausula de nos vir logo offerecido no nosso idioma.

≡≡≡ O mundo russo pela sua posicao, e pela sua lingua, era apenas conhecido dos estrangeiros por alguns echos vagos e desconexos; e neste Continente da Europa podiamos dizer d'elle o que o romano dizia dos Antigos britannos: totus divites orbis.

Da esta ignorancia resultam
ou frieza, menos sympathia, talvez até in-
justicia no avaliarmos essa grande
gente.

Fez N.S.^a uma obra
altamente patriótica com este seu fi-
lho. Vemos a Russia como um
paiz de bençãos, fertil de toda a especie
de meritos, e podendo em todos elles
hombrear com os honrosos mais blasona-
dos de superioridade.

Como que chu-
gamos ali a deixar momentaneamente
estes preciosos lagos que as viagens de
Norte no meio-dia nos deixaram
nos Espiritos, e que a historia Contem-
poranea não deixou de avivar e for-
talecer. Onde tanto ha de
tudo, se não são comprehensíveis, são
pelo menos intelligíveis as maximas
aspirações.

Dizemos porém a poli-

hica a Providencia, que afinal é ella
e não os calculos humanos quem levan-
ta e abala potencias, quem, parecendo
justa e maternal numas partes, mon-
tra enigma e maldade, lá vai levando
por seus caminhos occultos o genero hu-
mano a realisação dos seus desgnios.

Que sorte será a da Russia
num porvir proximo ou remoto? Não
a que seus filhos com intima convic-
ção lhe profetisam, e em que U.S.^a mes-
mo me não parece descrente? Quem
o sabe? e quem o pode saber?

O que o livro de U.S.^a nos mani-
festa com evidencia, é serem os rus-
sos ao presente um povo memorabilis-
simo e resplandecente de gloria de to-
da a especie.

Eu por mim, se não fosse
portuguez, se não adorasse o sol de
uma primavera quasi constante, se
fosse capaz de viver e amar de

baixo da Urca; e enfim se o clima que
matou ao meu pobre Urdio me não
parecesse incompativel com a minha
natureza, seduzido hoje pelas revelações
de U. S.º, se tivesse de renascer, e re-
nascer á minha eschola, optaria,
se o amor á liberdade m'o permit-
tisse, pertencer a essas terras onde
as artes tanto florescem e fructificam,
embora o meu humilde nome ficasse
de repente ofuscado pelo fulgor de
tantas genias que nesta hora se
me estam representando á fantasia
como um verdadeiro Olympo terrestre.

Basta de sonhos. Não
é russo quem quer. Cada terra
tem as suas excellencias, e a terra
portuguesa não foi das menos bem
aquinhoada. Os que nascem
nos aqua, se não parecerem pro-
tes pingues, se não esperamos
futuros invejaveis, rriminamos

com saudosa delicia o nosso passado,
coloco que si, sobre tão pequena base
abombou o mundo.

V.ª que tão versad e' na
nossa lingua, sabe necessariamente a
fundo a nossa historia, e ella' por conse-
quente nos casos de duvidas em
bem tudo que lhe aqui digo. Eu seria
de boamente russo de nascas; mas o
podendo (perdoe-me V.ª o Calembourg
que, sobre ser Calembourg, e' triste)
são so' os annos que me vão fazendo
cada vez mais russo, sem me des-
fazarem de portuguez.

Reitero a V.ª os meus agradece-
mentos pelas bellas horas que a sua eru-
dita e inspirada penha me fez pas-
sar, e aproveito com o maior
gosto esta oportunidade para
me apignar

Deus.

deu.ª
Muito admirado, e muito
affectivo e obrigado sero

A. Feliciano de Castilho

Assinatura de A. Feliciano de Castilho

António Feliciano de Castilho, célèbre poète aveugle portugais,
né à Lisbonne le 26 janv. 1808, a été néanmoins comte vicomte.
Il débute par son poème "le Talisman du Bérde", qui fut suivi
par une longue série d'opulentes œuvres poétiques, qui sont le
rapport de la civilisation et de la forme sous indigènes au
Portugal. Ses traductions des épiques latins sont parfaites. Cas-
tilho forma, avec Garrett et Herculano, le triumvirat littéraire,
dans lequel se résument toute à l'illustration moderne du Portugal.

(Lettre sur la Russie, à propos
du livre de Platon)

[Séni par Ultron!]

Excellentissimo Senhor Plator de Naval

A aprovação de um homem como V. Ex.^{ta} a uma ten-
tativa litteraria pôde-se receber como recompensa dos
seus subidos quilates; para mim é ainda mais e
melhor que isso, é uma excitação para novas e mais
res audazes. Mas que eu ainda tiver d'aqui avante
se creio fossem mais succedidas sobre V. Ex.^{ta} que mihi co-
pioso quilates haverá tido esta sua generosa prodiga-
lidade.

Permitto-me, Sr. V. Ex.^{ta} que sou que bro de profundo re-
pato que eu a V. Ex.^{ta} devo o lho consagro, e convido para
collaborador de uma pequena empresa litteraria?

Os presupostos de seu assentimento eis aqui sem
mais preambulos e de que se trata.

Combrou-se alguem de dar missa voluisse o meu
poemete dos Círculos de Bardo com traducção em varias
linguas. A Italiana, bem ou mal, está feita, e hes-
panhola e a franceza prometidas, conta-se com a in-
gleza, a allemã e provavelmente com a dinamarquesa
e a sueca. Dignar-se, Sr. V. Ex.^{ta} de tornar a si a res-
ta? Honra Grande seria isso para os outros collabo-
radores e para mim centuplicadamente honra.

A versão, entendido está, que pôde ser ou em prosa
ou em verso segundo agradao a V. Ex.^{ta}

Fico ansioso á espera da resposta de V. Ex.^{ta} de quem
tenho a honra de me assignar novamente

D. M. profunda ammirado e sempre mais
respeitoso obrigado

Lisboa 28 de Janeiro de 1869.

A. G. B. J. C. T. (1)

